

## ANO NOVO

Antônio Álvares da Silva

Professor titular da Faculdade de Direito da UFMG

Mais um ano novo chega ao nosso calendário. Que podemos esperar dele? Pergunta difícil que ninguém pode responder com certeza.

O homem vive com duas categorias de tempo. A primeira é o tempo real. Para viver o homem precisa medir a realidade e condicioná-la a durações diferentes. Convenciona nos contratos a obrigação que tem de cumprir num determinado tempo. Há uma hora para o trabalho, a hora da volta para casa, o momento do lar, dos estudos e do lazer. A hora da partida, a da chegada, com seus inúmeros compromissos nestes intervalos. Todos estes fenômenos, devidamente medidos, possibilitam a vida social que sem eles seria a desordem e o caos absoluto.

O tempo governa nossas ações. Somos escravos das horas e dos minutos.

Porém há um outro tempo, bem mais complexo e misterioso. O universo tem cerca de 13,7 bilhões de ano. Nosso planeta existe há 4,5 bilhões. Calcula-se que as formas elementares de vida começaram há 3,5 bilhões. A partir daqui, houve uma lenta, penosa e difícil evolução até chegarmos aonde estamos hoje.

Antes das formas superiores de vida, que deram ao homem a consciência da própria existência, do passado e do futuro, o que existia? Como contar este tempo se dele não havia um observador racional para avaliá-lo?

Sabe-se que um dia necessariamente a vida na terra acabará. O sol, nossa fonte primária de energia, é uma estrela que, com o passar do tempo, se transformará num buraco negro ou numa gigante vermelha, extinguindo-se a vida sobre a terra. Como será então o tempo sem algo consciente para verificá-lo? Para onde irá o universo, com seus bilhões de galáxias e estrelas, se não há ninguém para atribuir-lhe um destino?

Não se sabe. A matéria, depois de feita, não se destrói, transforma-se. E o universo continuará sua estrada misteriosa, expandindo-se sem limites ou restrições.

Ao ser humano, neste minúsculo grão de areia em que vivemos, foram dadas a razão e a consciência. Somos um único ser vivo da natureza que tem noção do passado, que já foi vivido por nós e nossos semelhantes, do presente que hoje vivemos e do futuro que amanhã viveremos numa continuada sucessão de fatos e acontecimentos.

Nenhum ser humano sabe a respeito do destino que o aguarda. Apenas tem a certeza de que viverá até o momento em que a natureza decretar a decomposição da matéria de que seu corpo é constituído, não se sabendo qual a forma que assumirá depois.

Era de se esperar que o homem soubesse organizar melhor a vida social neste curto período de sua vida. Temos todos os instrumentos necessários para este fim: a razão, a ciência, a técnica e o trabalho. Poderíamos instituir a igualdade social entre os homens, já que igualdade individual é impossível, pois somos todos diferentes. As necessidades básicas seriam satisfeitas: todos comeriam, teriam habitação, saúde, instrução e a morte seria aguardada com a resignação dos que vivem em paz.

Não há, entretanto, esperanças para este mundo ideal. A história humana, segundo Hegel, é "um imenso matadouro" e é certo que se constitui principalmente de exércitos e cárceres. No breve instante da vida, nos matamos reciprocamente. Somos incapazes de uma paz definitiva. Se hoje temos um armistício, ele se verifica porque uma guerra atômica nos destruiria a todos. Não é pela virtude que vivemos sem guerras universais, mas sim pelo medo e pela necessidade.

Há, entretanto, uma luz no horizonte. Perguntou-se a Bertrand Russel se o homem permaneceria para sempre o que é. Respondeu: a humanidade viverá ainda bilhões de anos. Pode ser que evolua eticamente e exerça a razão de que é possuidora. Portanto há esperança de um mundo melhor que ainda não conhecemos. Em nome dele brindemos mais este ano que chega. Feliz ano novo, leitor amigo.